

POVO ALGARVIO



SEMÁRIO REGIONALISTA

Director Interino: DANIEL ANTÓNIO PRIMO PIRES

Proprietário: MANUEL VIRGINIO PIRES (Herdeiros)

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 22503 — TAVIRA • Composição e Impressão — Tipografia União — Telefone 22319 — FARO

Independência e Fé A HOMENAGEM ao Dr. A. Padinha Dr. Teixeira Guedes

Finalmente, este velho Reino dos Algarves, o famoso Algarve d'Aquém-mar, vai ter a sua semi-independência, o seu «home-rule», como diriam os irlandeses, e, por toda a parte, vai uma azáfama de organização dos diversos sectores da vida da província. Planeia-se, combina-se, discute-se com ardor, no justo interesse de se mostrar que, chegados a uma relativa maioria, também nós sabemos realizar, como quaisquer outras entidades extra-provinciais e melhor que todos sentimos aquilo que nos falta e aquilo que pretendemos.

Tudo isto é óptimo. Tudo isto é vida, acção, dinamismo.

Melhor organização, melhor administração, mais acção progressiva, mais acção sanitária, mais eficiência cultural, mais bom senso administrativo, melhor aproveitamento das riquezas naturais...

Aqui, no entanto, antepomos a nossa apogiatura ante o «opus fervet» que toda a província embala: valores morais e cristãos, também se tenciona aumentar?

Valores morais, é claro, porque se o corpo físico da província se desenvolve, se o nível intelectual sobe na escala cultural, sem valores morais a ascensão é um pouco como a do foguete, que sobe, esbravata com estrepido nos ares, mas depressa cai. Valores cristãos, porque, se existe uma verdadeira e autêntica liberdade de pensamento, o culto e convicção cristãs também são permitidos ou, se não, a liberdade de pensamento torna-se utopia e não realidade.

Veio-nos hoje à ideia, por ser o dia próprio, o culto a S. Vicente, que a família rural tanto prezava e que antes de ser patrono da cidade de Lisboa foi padroeiro do pequeno reino dos Algarves.

Na verdade, o santo era aragonês, da província de Saragoça, lá viveu e foi martirizado. É este ter sido martirizado que desejamos focar.

Um rapaz nobre, idealista, estudioso, que morre para não atraiçoar o seu ideal. Onde há quem morra hoje, para não atraiçoar o seu ponto de vista? Os e as que se casam e que morre-

riam se não se casassem e que endoideceriam se o mundo se desmanchasse, e outras loucuras tremendas, como pensam ao cabo de poucos anos e como dão o dito por não dito com um total desamor próprio? A anatematizada é a Concórdia, que não os mandou casar, nem civil nem religiosamente; e, braços no ar, clamam os poderes do divórcio, como os possessos fanáticos clamam uma visão que o bom senso não confirma.

E os que tiram preparatórios para isto e, depois de anos de estudo, reconhecem que a sua vocação era aqui e gastam anos de vida, dinheiro e mocidade a tirar novos preparatórios (que outros pagarão, pois está visto...) e quando chegam ao fim se ficam nas passagens à rasa, porque descobriram que ainda são mal empregados para o que escolheram e amam

(Continua na 2.ª página)

A HOMENAGEM ao Dr. A. Padinha

A velha ideia de uma bem merecida e devida homenagem da nossa cidade à memória do Dr. António Padinha, a que nestas colunas já nos referimos com inteiro aplauso por mais de uma vez, começa finalmente a concretizar-se e graças à esforçada acção do nosso prezado colega local «O Tavira», como é justo que se reconheça e, pela nossa parte, muito gostosamente reconhecemos. Para promover, organizar e executar tal homenagem ao inclito cidadão e devotadíssimo tavirense, constituiu-se uma Comissão com representantes da Câmara Municipal, dos Partidos Políticos e daquele nosso colega; e integram essa Comissão os srs. Zacarias da Fonseca Guerreiro, Joaquim Jerónimo de Almeida, Arman

(Continua na 2.ª página)

Dr. Teixeira Guedes

Completo-se ontem precisamente meio século sobre o grandioso funeral do antigo reitor do Liceu de Faro (que então tinha como patrono João de Deus), o sábio latinista e pedagogo que se chamou Ernesto Adolfo Teixeira Guedes.

Saindo da sua residência, quase à esquina da antiga estrada de Circunvalação, o préstito desceu a rua que tem hoje o nome do distinto Mestre, atravessou a avenida em direcção ao velho edifício do Liceu, cnda teve uma curta paragem e, retomando a sua marcha cadenciada, seguiu pelas ruas do Pé da Cruz, de Santo António, de D. Francisco Gomes, de Ivens, largo de Ferreira de Almeida e ruas de Ferreira Neto e do Alportel, através de densa multidão que se aglomerou ao longo de todo o percurso, numa sentida e derradeira homenagem de muito respeito e admiração. Filas de estudantes de capa e batina, todos os que então frequentavam o nosso acreditado primeiro estabelecimento de ensino do Algarve e que eram à volta de seiscentos, caminhando no mais absoluto silêncio, por ordem de cursos e conduzindo coroas e flores, abriam o extenso e comovente cortejo fúnebre, que nessa distante manhã de 31 de Janeiro de 1925, soalheira como em pleno verão, mobilizou todas as atenções e dava a impressão de ter parali-

zado por completo a vida da cidade. Organizara-o, com a sua conhecida diligência, o decano do corpo docente, prof. João Rodrigues Aragão.

Eram 10 horas quando o funeral se pôs em marcha e só cerca das 15 horas as cerimónias fúnebres foram dadas por terminadas, após vários discursos em que representantes da Academia, do Corpo Docente e da Cidade, patentearam a perda enorme e o desgosto que todos sentiam pelo desaparecimento prematuro, ao cabo de curtíssima doença, do prestigioso professor, grande educador e desvelado amigo dos estudantes. Nada conseguira quebrar o pesado luto em que Faro mergulhara, nem alguns foguetes queimados, cremos que inadveridamente, à passagem do préstito pelo largo de Ferreira de Almeida, onde um dos partidos políticos do tempo tinha a sua sede, para comemorar o aniversário da revolução do Porto.

Nasceu o dr. Teixeira Guedes em S. João da Pesqueira, em 21 de Janeiro

(Continua na 2.ª página)

CONVERSA DA SEMANA

Não guerrear a lavoura

Há meses conversámos aqui a respeito da lavoura, que continua mergulhada em crise profunda, apesar dos últimos simulacros de chuva a terem confortado um pouco, como tónico em corpo fraco.

Sempre nessa desventurada lavoura se trabalha com esperança e fé na Divina Providência, mas tantas vezes sob o signo da pouca sorte, que uma estiagem «interminável» e muito frio ameaçam tudo secar.

Os estudiosos, os teóricos de sapatos engraxados e lindas cabeleiras, que nunca andaram sobre espinhos e torrões, nunca pegaram numa charrua, nunca conduziram um tractor, nunca cultivaram um palmo de terra, terão porventura visto as coisas à face de realidade? Esses teóricos, na sua fértil imaginação, fazem guerra sem tréguas à lavoura, isto é, aos lavradores, não distinguindo latifundiários de medifundiários e minifundiários, pois

estes modestos proprietários que têm uma complexidade de vida, uma sobrecarga de dificuldades e imposições desde a licença do cão às quota do Grémio da Lavoura e da Casa do Povo de saudosa criação do corporativismo, perguntam a si próprios se não será possível criarem-se melhores condições para o exercício da sua laboriosa actividade de produtores, visto que só se fala de protecção aos trabalhadores.

Que resultará da reforma agrária em estudo? Receia-se que a mesma venha agravar a situação crítica da lavoura, subjugando-a

(Continua na 2.ª página)

Dinamização CULTURAL

Depois de amanhã, dia 3 de Fevereiro corrente, efectua-se em Faro, no Regimento de Infantaria n.º 4, um Encontro da Comissão Dinamizadora Regional do Algarve do Movimento das Forças Armadas com os responsáveis pela Informação no nosso Distrito. O objectivo é o esclarecimento dos órgãos de informação sobre os trabalhos da referida Comissão, que tem desenvolvido importante actividade no Algarve, como aqui temos referido por mais de uma vez, e sobre o desenvolvimento da Campanha de Dinamização Cultural a que o Movimento das Forças Armadas em boa hora meteu ombros.

As manifestações de massa, sempre que são orquestradas, silenciosas ou ruidosas, põem sempre em causa a validade dos processos democráticos, que caricaturam e deturpam. Não há qualquer ilacção possível a tirar delas. A história está cheia de exemplos de demonstrações de massas, mesmo de massas trabalhadoras, que depois se viu que serviram para preparar o cortejo fúnebre das liberdades.

MONUMENTO ao Dr. Silva Nobre em FARO

Vai finalmente a caminho de concretização plena a ideia de se erigir em Faro um monumento à memória do Dr. João da Silva Nobre, saudosa figura de médico, filantropo e democrata, admirado e respeitado por todos os algarvios, incluindo muitos dos seus próprios adversários políticos, que viam nele acima de tudo um homem de carácter e um homem de bem. O monumento, que será colocado no antigo Largo do Bouzela da capital algarvia, a que o Município Farense deu, no ano findo, precisamente o nome do Dr. Silva Nobre, será inteiramente custeado por subscrição pública, que, todavia, ainda não chega para cobrir toda a despesa, embora falte apenas já a respeitante à placa de granito em que assentará o busto, este da autoria do conhecido artista farense Sidónio de Almeida. A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro tem dado a esta iniciativa todo o apoio e auxílio que ela bem merece; mas, os promotores desejam que a justa homenagem seja inteiramente custeada pelos amigos e admiradores do Dr. Silva Nobre e por isso lançam um novo apelo, de que gostosamente nos fazemos eco, ao contributo voluntário de todos. Os contributos podem ser entregues ou enviados para qualquer dos seguintes locais, em Faro: Consultório do Dr. Campos Coroa (Rua de Santo António, 55, 1.º Dt.º), Agência Comercial de Faro (Rua de Santo António), Est. João Veríssimo (Praça Alexandre Herculano, 15) e Delegação do «Jornal do Algarve» (Rua Teófilo da Trindade, 46, 2.º). Espera-se que todos compreendam e acorram a este apelo dos promotores, para que em curto espaço de tempo possa, com a inauguração do monumento, ser paga a dívida de gratidão de todos os algarvios para com a memória do inclito cidadão que foi o Dr. João da Silva Nobre.

Senhas e bichas...

Chegam até nós lamúrias em vários tons, e mesmo reclamações formais, contra o uso, que começa a generalizar-se, da exigência da formação de «bichas» ou da tomada de fichas ou senhas numeradas, para a aquisição de determinados artigos ou prestação de certos serviços em estabelecimentos ou repartições públicas da nossa cidade; designadamente e na semana finda, aquelas reclamações apareceram-nos formuladas contra a Conservatória do Registo Civil de Tavira, onde parece que recentemente passou a exigir-se que os utentes dos respectivos serviços comecem por solicitar uma ficha ou senha numerada, sendo depois atendidos pela ordem numérica dessas mesmas senhas ou fichas. Não sabemos se tal determinação é da autoria da Conservadora do Registo Civil ou se veio de mais alto, mas sabemos de certeza certa que essa mesma prática é seguida igualmente, e há já bastante tempo, pelo menos em outras Conservatórias algarvias onde a concorrência do público é sempre muito grande, como por exemplo as de Faro e Olhão; como sabemos, e sabe toda a gente afinal, que as fichas ou «chapas» com finalidade idêntica são usadas há muitos anos pelos bancos e casas bancárias, incluindo a Caixa Geral de Depósitos, que é do Estado, sem que isso tenha dado origem a lamúrias ou reclamações... E, devemos diz-lo,

(Continua na 2.ª página)

Reunião de autoridades andaluzas e algarvias

A convite das autoridades algarvias, deslocaram-se à nossa Província os srs. Governador Civil de Huelva e Alcaide de Ayamonte, com o objectivo de um estudo conjunto de assuntos de comum interesse.

Aquelas autoridades espanholas, obsequiadas depois com um jantar no Casino de Monte Gordo, foram recebidas pelos srs. Governador Civil de Faro e Presidentes da Comissão Regional de Turismo do Algarve e das Comissões Administrativas das Câmaras Municipais de Vila Real de Santo António, Castro Marim e Alcoutim, além de outras entidades algarvias. Numa prolongada reunião de trabalho form focados, em clima de franca compreensão, vários assuntos respeitantes designadamente à zona fronteiriça e que se encontram em estudo para subsequente aprovação superior.

DE SEARA ALHEIA Ser cidadão

Que me desculpem os meus sete leitores habituais este meu bater e tornar a bater na mesma tecla de sempre. Que já vem de há muito, de muito antes do 25 de Abril. A nossa carência maior é a de educação cívica. Não temos o treino, que só a vivência dá, de um cabal cumprimento dos nossos direitos de cidadão. Em outros tempos, porque o artigo 8.º da Constituição era letra morta. Lá vinham no entanto claramente expressos esses direitos; mas não nos era permitido exercê-los, se não de anos a anos, para inglês ver. Agora que da Constituição só está justamente em vigor esse tal famoso artigo 8.º que consigna os direitos dos cidadãos portugueses, saibamos nós respeitá-los e segui-los na realidade, como nele em espírito se contém.

Só que, como qualquer pianista, a quem tiraram o piano, não temos prática de tocar, e temos que aprender desde o ba-ba.

Neste tempo de aprendizagem, ou reaprendizagem, ou de reciclagem, como é costume agora dizer-se, andamos a aprender a falar, a dialogar, a conviver, a ouvir as opiniões dos outros. E isso não se faz sem fífias, nem trambolhões. Tal qual as crianças, quando começam a manter-se de pé,

a equilibrarem-se, e a balbuciarem as primeiras palavras. Temos, pois, que contar com o tempo. O mais difícil é que somos solicitados a intervir, a participar no processo social, em marcha, e como que queremos recuperar o tempo de paragem ou de estacionamento que foi longo, ai de nós, demasiadamente longo.

Nesta marcha acelerada, são inevitáveis os encontros, os tropeções, as calcadelas. Mas não podemos parar. Temos mesmo que ir para a frente. Os sinais das encruzilhadas, os sinais luminosos bem que nos dizem: atenção aos direitos dos outros; agora podemos falar, mas também deixar os outros falar... Claro que há os precipitados, os mais activos, os mais dinâ-

(Continua na 2.ª página)

O homem, inebriado pelas suas descobertas, arrisca-se a perder o domínio da ciência e da técnica que, subtraídas, pelo abuso da liberdade, a toda a submissão de ordem moral, acabarão por contribuir para a ruína e destruição da humanidade.

P. C. POLICARPO

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE - A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FALECIMENTOS

MATEUS MARTINS SEQUEIRA

Em Alcantarilha faleceu com 80 anos de idade, o sr. Mateus Martins Sequeira, que foi combatente da Grande Guerra. O saudoso extinto era casado com a sr.ª D. Catarina Gonçalves Sequeira e pai do nosso prezado amigo Rev.º Padre Dr. David Gonçalves Sequeira, digno pároco da freguesia de S. Tiago, desta cidade, e professor da Escola Secundária de Tavira, do sr. Francisco Gonçalves Sequeira e da sr.ª D. Leonor Rosa Gonçalves Sequeira. Era também sogro da sr.ª D. Isaura Pacheco Sequeira e avô da menina Teresa Maria Pacheco Sequeira, estudante, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde o corpo foi depositado, foi concelebrada missa pelo Rev.º Dr. David Sequeira, Jacinto Guerreiro Rosa, pároco de Santa Maria do Castelo, desta cidade, Araújo, de Caela e Conceição de Tavira e Carlos Patrício, director da «Folha do Domingo». O funeral, que se realizou para o cemitério local, constituiu uma grande manifestação de pesar, nele se tendo incorporado pessoas de todas as condições sociais, entre elas os Rev.ºs Padres António Patrício, pároco de S. Pedro, de Faro, Leonel Ramos, da Câmara Eclesiástica e José Rodrigues Almeida, pároco de Alcantarilha.

CARLOS DO ROSÁRIO SILVA

Vítima de um desassete ocorrido no sítio de Amaro Gonçalves, faleceu no passado dia 17 de Janeiro no Hospital de Faro, o sr. Carlos do Rosário Silva, viúvo, de 60 anos de idade, natural da Luz de Tavira. O extinto era filho da sr.ª D. Ana das Dores Vicente, viúva do sr. José Silva, e pai das sr.ªs D. Maria Odete da Silva e da sr.ª D. Maria Julieta da Silva e era irmão da sr.ª D. Maria da Graça Silva, casada com o sr. Viriato José Mestre, e dos srs. Luís Vicente da Silva e José João da Silva, casados respectivamente com a sr.ª D. Maria Adelina da Silva e D. Maria Lucília Rolanda Silvestre. Os seus restos mortais foram transportados para a Igreja Paroquial da Luz de Tavira, de onde no dia 23 se realizou o funeral para o cemitério da mesma freguesia.

Também faleceram:

Em Loulé — A sr.ª D. Maria da Piedade Pinguinha, de 85 anos, viúva do sr. Manuel Rosa e mãe das sr.ªs D. Ilda Pinguinha Rosa Cortes, D. Aura Pinguinha Rosa e D. Clotilde Pinguinha Rosa, sogra dos srs. José Cabrita Cortes, João António dos Santos e Joaquim da Graça Nunes e avô do sr. Ireneu Rosa Cortes, professores da Escola Comercial de Cacém.

Em Silves — Inesperadamente, o sr. Manuel Correia Mexia de Mattos Braz Machado, de 52 anos, natural daquela cidade, industrial de conservas em Portimão e professor da Escola Industrial e Comercial, irmão do sr. Abílio Correia Mexia de Mattos Braz Machado, residente em Reguengos de Monsaraz.

Em Armação de Pera — O sr. Coronel Décio da Mata Calixto, de 78 anos, natural de Rio Maior, cujo funeral se efectuou para o cemitério da Costa da Caparica.

Em Almada — A sr.ª D. Maria Odete Freitas Pacheco Dionísio, de 22 anos, natural da Mexilhoeira Grande e casada com o sr. António Fernando Dionísio. Deixou orfãos os meninos Vitor Manuel e Sandra Maria Pacheco Dionísio.

Em Faro — O sr. Adolfo Rodrigues de Almeida, de 86 anos, viúvo, natural do Porto, antigo comerciante, durante largo período estabelecido com chapalaria no largo de São Pedro e que há mais de 50 anos residia nesta cidade. Era pai dos srs. Dr. José Maria de Almeida, advogado em Luanda e Adolfo dos Santos Almeida, funcionário da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, em Lisboa.

— A sr.ª D. Atilde Pereira da Silva Gago, de 69 anos, natural desta cidade, casada com o sr. António Guerreiro da Silva Gago, comerciante e mãe das sr.ªs D. Maria Isabel Pereira da Silva Gago Vespasiano, esposa do sr. Eng. Fernando Vespasiano e D. Lucília Pereira da Silva Gago Formosinho Mealha, viúva do sr. Dr. José Formosinho Mealha, e do sr. Jorge Pereira da Silva Gago, casado com a sr.ª D. Irene Gago.

Em Lisboa — A sr.ª D. Aurora Guerreiro Bruno, de 82 anos, viúva, natural de Silves.

— O sr. Manuel Martins Choroando, de 59 anos, natural de Paderno.

— O sr. Manuel Gonçalves Medeiros, de 95 anos, natural de Monchique.

— A sr.ª D. Joana da Cruz, de 84 anos, natural de Olhão.

Em Paço de Arcos — O sr. Cândido de Sousa Ramos Júnior, de 75 anos, natural de Loulé, que deixou viúva a sr.ª D. Rosa Martins Seruca Ramos e era pai da sr.ª D. Maria Antonieta Seruca Ramos da Silva Raimundo. O funeral realizou-se para o cemitério de Vendas Novas.

Em Queluz — Com 83 anos, o sr. Capitão António Gomes Rocha, combatente da Grande Guerra de França e Moçambique, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Deolinda de Jesus Cunha Rocha.

Na Parede — Com 80 anos, a sr.ª D. Maria Alves da Encarnação, natural de Faro, viúva do sr. José Mariano da Encarnação, que muitos anos esteve estabelecido com alfaiataria na rua Ivens da mesma cidade. A finada era mãe da sr.ª D. Maria José Alves da Encarnação Pessanha Viegas e do sr. Dr. José Mariano Alves da Encarnação e sogra do sr. Eng. Alberto Pessanha Viegas, antigo director de Urbanização do Distrito de Faro e da sr.ª D. Maria do Céu Rebeca da Encarnação. O funeral teve lugar em Faro.

Em Algoz — Donde era natural e com 26 anos, o sr. Osvaldo Cabrita Mendes Coelho, filho da sr.ª D. Amarília Trindade Cabrita e do sr. Francisco Mendes Coelho, industrial da construção civil.

Em Beja — O sr. Armando de Jesus da Silva, chefe de conservação de estradas, aposentado, de 72 anos, natural de Lagoa. O extinto deixou viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Machado Silva e era pai da sr.ª D. Dinora da Conceição Silva, ausente em Lourenço Marques e dos srs. Henrique Machado Silva, ausente em Angola e Armando Machado Silva, funcionário da agência do Banco de Portugal, em Viseu.

Em Olhão — A sr.ª D. Maria do Rosário Soares Leitão, viúva, natural da mesma vila, mãe do sr. Fernando Soares Leitão, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Passos Leitão e avô do sr. Fernando de Passos Leitão.

As famílias enlutadas apresenta «Povo Algarvio» sentidas pêsames.



JOSÉ ANTÓNIO DE JESUS

Missa do 1.º aniversário

Por sua alma manda sua família rezar missa na Paroquial de São Tiago, desta cidade, na próxima 3.ª feira, 4 do corrente, pelas 17 horas.

Ser cidadão

(Continuação da 1.ª página)

micos, que nos espreitam, se antecipam, nos tomam a dianteira. Há que mantermo-nos serenos e calmos, para não nos deixarmos levar por entusiasmos de momento. Temos obrigação de reflectir, antes de tomar decisões. Temos que dar a nossa opinião, na hora própria. Temos que pensar antes de fazer.

Mas é isso mesmo que é difícil. Ser cidadão consciente e esclarecido é muito difícil. Porque há os entusiastas que gostam dos aplausos e de muita gente que os siga, em multidão. Ora o cidadão não pode ser carneiro num rebanho. Tem de ser pessoa, indivíduo pensante. Não podemos deixar-nos enlevar por promessas, nem abdicar da nossa qualidade de homem independente e livre. Devemos saber ver que, às vezes, onde se põe o ramo, não é onde se vende o vinho. O provérbio prudente é velho, e por isso, experimentado. E a formação cívica obriga-nos a discernir e a ter de ter opinião própria.

P. M.

(Do nosso prezado colega farense «O Algarve», com a devida vénia).

CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

a determinados condicionalismos que provoquem a desvalorização do capital agrícola ou seja da propriedade em relação a outras capitais.

Vive-se na expectativa. Um padre nortenho, acusado de reaccionário, falando aos seus pa-roquianos, disse-lhes:

«Os lavradores é que sabem cultivar a terra e o que á lá devem semear e não esses doutorzecos, que nunca foram lavradores, nem os pais e avós tão-pouco, e que agarraram num livro há dois dias e vêm para aí falar da reforma agrária.

Convidai-os a agarrar na enxada e fazer calos na mãos de sol a sol para ver se eles vão! Não vão».

Se o padre nortenho é ou não reaccionário, isso é lá com ele. Contudo, há pontos das suas arrojadas considerações que não estão longe da verdade.

Diz-se que a terra é para quem trabalha nela. E para quem vive dessa terra, novo, velho ou doente? A lavoura é vítima deste estribilho propalado por lunáticos, como também é a primeira vítima de certa desmortalização, porque na vida agrícola tudo é incerto, irregular e natural, como a própria natureza. Isto é assim na lavoura e, possivelmente, em todo a sector primário. Só no sector secundário é que as coisas se passam como os tecnocratas pensam, e nem sempre.

A lavoura tradicionalmente ligada à pecuária, além da falta de pessoal que a emigração e o turismo têm absorvido, queixa-se amargamente dos altos preços de produtos alimentares da indústria, sempre em espiral ascendente, cada vez mais caros, sem que haja um travão para essa espiral, lutando por isso e por tudo o mais, com sérias atribulações.

Lavradores de todos os tamanhos são medidos à esquerda pela mesma vara, como se todos eles fossem sabotadores da economia nacional. Puro engano. No Algarve, designadamente, quantos latifundiários existem? Defenda-se o trabalhador na medida do que for justo, mas não semear a discórdia no campo, não guerrear a lavoura, indiscriminadamente, que alimenta o ventre das cidades...

T.

CABELEIREIRO
LÍDIA & VENTURA
FARO
DEPILAÇÃO ELÉCTRICA
Marcações
pelo telefone 25985
FARO

A HOMENAGEM ao Dr. A. Padinha

(Continuação da 1.ª página)

do da Silva Fernandes, Eduardo Vilhena Guerreiro, Amadeu da Silva Fernandes, Liberto Laranjo Conceição, Francisco Solóeio Padinha, António Aires da Cruz Amaro, Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho, Luiz Maria de Mello e Horta, Ofir Renato das Chagas e António Rodrigues Santos. Renovando, nesta oportunidade, o nosso aplauso e apoio à ideia da homenagem, e designadamente à da erecção de um busto do Dr. António Padinha numa praça da cidade, pomos à disposição da Comissão constituída toda a colaboração que estiver nas nossas possibilidades e limitados préstimos, desejando sinceramente que possa levar a cabo a missão de que se incumbiu com o êxito bem merecido pelos seus esforços e pela memória do grande tavi-rense.

Dr. Teixeira Guedes

(Continuação da 1.ª página)

ro de 1871 e frequentou o Seminário de Santarém, tendo sido escolhido entre os condiscípulos para frequentar a Universidade Gregoriana, de Roma, onde se formou em Teologia e Filosofia. Foi professor do Seminário e do Liceu de Santarém e, em 1913, transferido para o Liceu de Faro, cuja reitoria ocupou e em que permaneceu até à morte. E era indubitavelmente um insigne Mestre o dr. Teixeira Guedes, dotado de vastíssima cultura de humanidades greco-latinas e de todas as qualidades disciplinares e pedagógicas necessárias ao exercício do magistério. Conseguiu transformar as suas aulas de latim em lições atraentes, onde todos aprendiam sem esforço. Modéstissimo e probo, querido pela Academia do Liceu e admirado pela população farense, prestou ao Liceu inestimáveis serviços, a ele se tendo

ficado a dever a sua elevação a central. O renome do Liceu de Faro era no seu tempo o reflexo do seu prestígio pessoal.

No largo da Sé, ainda por calcetar, e em dependências cedidas pelo Ministério da Marinha, funcionaram durante anos algumas turmas do Liceu, antes da ampliação do edifício da rua de Manuel de Arriaga. Quando o dr. Guedes surgia, sempre com o seu sorriso acolhedor e de verdadeiro amigo, os estudantes cessavam imediatamente as suas brincadeiras, aliás inofensivas, e aproximavam-se para receber com assinalado respeito o seu Reitor e ouvir mais uma vez as suas recomendações. É que, então, os professores não eram mandados pelos educandos e estes acatavam as suas advertências e seguiam os seus conselhos. Não havia o desregramento de costumes que hoje se observa. Os alunos, rapazes e raparigas, estas em número muito reduzido, não permaneciam nos intervalos nas salas de aula, fumando e cometendo por vezes os mais diversos desacatos, verdadeiramente impróprios duma escola, que persiste em afirmar destinar-se a educar e instruir. Nem tão pouco, durante o funcionamento das aulas, os discentes se entregavam a fazer dos corredores do Liceu pistas de correrias, campo de futebol ou salas de simples convívio.

Senhas e bichas...

(Continuação da 1.ª página)

concordamos plenamente com tal «sistema», como concordamos com todos os que visem pôr certa ordem e equanimidade na prestação dos seus serviços pelas repartições públicas; já porque sem ordem e disciplina é impossível trabalho eficiente e rápido, já porque o uso das tais fchas ou senhas numeradas, estabelecendo a ordem de chegada dos utentes às repartições, impede que sejam atendidos os «compadres» e «amigos» chegados à última hora e antes de alguns, ou muitos, que já esperassem há longas horas... O sistema é justo, equânime, moralizador e até... democrático, pois a verdadeira democracia há-de ter por base a disciplina consciente dos cidadãos; as «senhas» e as «bichas» têm, por tudo isso, repetimos, o nosso aplauso e o nosso apoio e nunca terão a nossa reprovação, por mais que tal «dôa» aos que junto de nós vieram reclamar. Vamos, mesmo, mais longe: fazemos votos para que todos os serviços que atendem público adoptem em breve o mesmo sistema!

«POVO ALGARVIO»

Independência e Fé

(Continuação da 1.ª página)

com tudo e com todos porque vivem deprimidos, contrariados ou ridiculamente furiosos?

Ter um ideal, morrer nele ou por ele, ser gente de corpo inteiro ou, como se dizia em antigos tempos, de antes quebrar que torcer, não denota outra envergadura de carácter?

Antes que D. Afonso I as levasse para o mosteiro extra-muros (que pequena era então Lisboa!), as cinzas de S. Vicente dormiram muitos anos no Algarve, no sítio que os Romanos chamaram «Promontorium Sacrum» e é «onde a terra acaba e o mar começa». Ficou, por isso, um santo a que o povo muito se dedicou e, no seu dia e nos seguintes, conta com a chuva benéfica para os campos. Conforme se está vendo, a sua crença justifica-se. Se o povo é assim, crente e confiante, não lhe tiremos a fé, o que seria atraíçô-lo nos seus mais arraigados sentimentos.

Os algarvios, obtido o seu «home rule», precisam de tudo o que se lhes está preparando, mas necessariamente deveremos acrescentar, à frente das necessidades materiais, essa rápida apogiatura no princípio expressa: valores de ordem moral, valores anímicos.

J. L.

Correias Trapezoidais
EM BORRACHA
CASA CHAVES CAMINHA
Aven. Rio de Janeiro, 19-B
Tele. 725165
LISBOA

Galerias D'El-Rei
Móbilias em todos os estilos ao dispôr do público
Permanente Exposição
Móveis e Decorações
Rua Prof. Dr. António Manuel Pinto Barbosa — Telef. 22098 — TAVIRA

Câmara Municipal de São Brás de Alportel

EDITAL

António Chaves de Oliveira Pinto, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel:

Faz público que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, em sua reunião ordinária de 10 de Janeiro corrente, deliberou abrir novo concurso público para adjudicação da seguinte empreitada:

Estrada Municipal n.º 515 (construção do lanço de Javali a Parises) 3.ª fase (pavimentação a macadame em toda a extensão de 5 271 m. l., incluindo fiadas de cubos).

As propostas, encerradas em sobrescritos lacrados, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado e outros documentos legais, deverão ser enviadas pelo correio, sob registo, à Secretaria da Câmara Municipal, de forma a nesta, serem recebidas até ao vigésimo dia após esta publicação no Diário do Governo, e serão abertas na sala das reuniões do edifício dos Paços do Concelho, perante a Câmara Municipal, na primeira reunião seguinte, pelas (vinte e uma horas) 21 horas.

Base de licitação 895 180\$00
Depósito provisório 22 579\$50

Alvará exigido — 1.ª subcategoria da IV. categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Para ser admitido ao concurso de adjudicação daquela empreitada é necessário apresentar, além dos restantes documentos, guia comprovativa de ter efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, nas filiais, agências ou delegações, a caução de 2,5 por cento da base de licitação, mediante guias passadas pelo interessado.

O depósito definitivo será de 5 por cento da importância da adjudicação.

O programa do concurso e outros elementos que interessam à obra estão patentes, todos os dias úteis e durante as horas de expediente, na Secretaria da Câmara Municipal e na Direcção de Estradas do Distrito de Faro.

Paços do Concelho de S. Brás de Alportel, 21 de Janeiro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa
António Chaves de Oliveira Pinto

«A Voz do Gafanhoto»

(Continuação da 4.ª página)

profundo o sono, o verde do seu ser confundido, com o verde do relvado, passou por ali o próprio «Tai-Pán» e nem deu por ele.

Mas o jardineiro voltou: «Psst! gafanhoto! O gafanhoto! Acorda e vai-te já embora! Não me desgraces!»

O gafanhoto, abrindo um olho: «Ai, mãe! Não há direito! Estava a sonhar um sonho tão lindo! Tudo isto era meu e, em cada canteiro, pousada numa flor, uma gafanhoto! Vai-te embora, deixa-me continuar a sonhar! Prometo-te que, logo que acabar o sonho, ir-me-ei embora!»

Mas nunca se foi embora, afinal. Ficou. Devido a uma congestão causada pelo sonho, o gafanhoto acabou por acordar... morto!

Há tantas lendas que parecem não ter começo ou fim. Até parecem não ter significado. Mas de tudo isto, afinal, o que importa é não esquecer que o gafanhoto, «como tudo o que existe sobre a face da Terra, tem uma voz»...

★ Numa recente visita a Vila Real de Santo António descobri, ao lado do Posto de Turismo, um museu. A porta, o nome: «Manuel Cabanas».

Entrei. Fiquei maravilhado! Grandiosa a obra de Manuel Cabanas, nome que certamente pertence às páginas de ouro da nossa História da Arte.

E que embaixatriz desta obra é do seu autor, a senhora que naquele museu recebe as visitas e conduziu-me de sala em sala, a sr.ª D. Maria Isabel Horta! Foi com desgosto que me disse: «Então não conhecia a obra deste fantástico artista algarvio?!» Mas regozijou-se quando eu lhe disse que voltaria para visitar mais demoradamente a exposição, e que falaria do museu a amigos e desconhecidos.

Se o leitor ainda não visitou esta exposição permanente da obra magnífica de Manuel Cabanas, não perca a oportunidade quando passar por Vila Real de Santo António. Faça uma pausa ali, no rés-do-chão do edifício da Câmara Municipal. Ao lado do Posto de Turismo. Ficará, como eu fiquei, maravilhado.

Irei mais longe. Vale a pena uma viagem a Vila Real só para visitar a exposição.

Nota interessante: o museu «Manuel Cabanas» foi inaugurado em 6 de Abril de 1974, fruto de muito esforço e devoção do Dr. Horta Correia, então Presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António. Só por isso, a Cidade deve-lhe, na minha opinião, uma medalha. Ainda por cima, veja bem o leitor, o que hoje é o museu... era a Cadeia Municipal!

Ah! Que se pudessem transformar, do Sul ao Norte do País, todas essas prisões em museus, bibliotecas, casas de repouso para gente idosa sem família, jardins-escolas, etc.!

Não seria tão belo vermos a prisão de Caxias, por exemplo, transformada numa clínica? Tantos desses grandes edifícios («às moscas»), que pena!

★ A propósito, já lá vão dois anos que neste jornal sugeri a utilização da Cadeia Municipal, desde então encerrada, para um jardim-escola que substituisse o extinto «Lar da Criança». Aquilo continua, mais ou menos, «às moscas»... Refiro-me à antiga cadeia, à Atalaia, aqui em Tavira.

E a propósito da criança e da campanha «Escudos Para a Criança (Sem Lan)», não podemos deixar de registar, decorrido mais de um mês, o almoço que a boa-vontade de um pequeno número de tavirenses tornou possível no dia de Natal. Houve quem dissesse, e há ainda quem pense, que eu «fiz tudo», que as 40 crianças que no «Café Mira» tiveram uma pequena festa em família devem-no a mim. Não é verdade. Eu simplesmente ajudei a organizar, colaborei o melhor que pude. Os que mais contribuíram, os que mais fizeram para tornar a festa uma realidade, foram os proprietários do Café, Celestino Amaro e sua esposa, D. Maria dos Anjos, como tem sido o caso todos os anos desde 1972. E este ano, os frangos e fruta vieram da quinta do sr. João Campos, de Luz de Tavira, cuja esposa e cunhada vieram, especialmente na véspera de Natal entregar esses «presentes do Menino Jesus». É a eles e a todos os outros que contribuíram, que devemos agradecer.

E por aqui ficamos esta semana. Como diz o meu bom amigo Don Alfredo, «a Vida continua...» E até Sábado... se Deus quiser!

DON CARLOS

PEQUENOS APONTAMENTOS

(Continuação da 4.ª página)

Quando, em meados da segunda década deste século, ingressámos no quadro do magistério primário, era-nos atribuída a remuneração mensal de 15\$00, sujeita a descontos. Ao ter conhecimento dela, comentava um guarda-fios: «Mais do que isso ganha o meu filho e é aprendiz de carpinteiro!» Mas, talvez nunca como agora foi tão difícil a situação do professor primário. Colocado dois pontos abaixo do que lhe era devido, viu os seus pares em habilitações literárias, exercendo embora outros cargos, com vencimentos bem mais elevados. «Que éramos muitos», diziam-no em desculpa, como se a Nação não precisasse de muitos mais. Diz-se agora, e com presunções de verdade, que os vencimentos dos professores primários vão ser acrescidos. Não sabemos se atingirão o ponto da escala que lhe é devido. Nada mais justo que o atinjam. Mas, uma pergunta urge: e os aposentados? Quando a doença, de mãos dadas com a velhice, os fustiga como um látego e sufoca como um garrote, ficam na mesma situação de penúria? Quando se não podem defender, porque a idade e as enfermidades o não consentem, ficam abandonados? Não estão sobre a mó de cima ou na de baixo, mas no meio. É no meio que estão os resíduos de onde saiu o pão que alimenta, o azeite que tempera e o vinho que alegra. Não são mas já foram; e a consideração é devida aqueles a quem o trabalho alquebrou. Aos poderes superiores expomos este caso doloroso, pedindo justiça, que nunca será perfeita se não vier ungiada de comiserção!

Trindade e Lima

A propósito de...

(Continuação da 4.ª página)

da é mais deprimente do brio não só dos tavirenses, mas de todos os algarvios, para já não dizer de todos os portugueses; e para o brio de todos os algarvios porque...

★ UMA GRANDE FIGURA ALGARVIA

... porque Tomaz Cabreira foi uma grande figura do Algarve e a quem este deve relevantíssimos serviços, como ainda há bem pouco tempo o Dr. Mário Lyster Franco pormenorizadamente recordava num belo artigo do seu «Correio do Sul». E entre esses serviços, não é menor o dos seus vastos estudos sobre as potencialidades económicas da nossa Província, sem dúvida nenhuma os mais completos e melhor fundamentados que alguém efectuou e publicou até hoje; tanto, que o seu principal livro sobre o Algarve se pode considerar actualizado nos nossos dias e é ainda consultado por quantos se debruçam sobre a vida algarvia com interesse real de encontrar soluções efectivas para os seus problemas... embora a generalidade dos algarvios praticamente o desconheça ou mesmo ignore a sua existência. Na sua actividade e em qualquer dos postos que ocupou na vida pública, de militar, de professor, de político e de estudioso dos problemas económicos e sociais, nunca esqueceu a sua qualidade de algarvio, para defender sempre a sua província natal do esquecimento proverbial dos Poderes Públicos, lutar pelos seus interesses e pugnar pelos seus direitos. No Governo, no Parlamento, na Cátedra, nas sociedades científicas, em congressos vários, o Algarve esteve sempre presente pelas suas intervenções a favor da província natal e não apenas, o que já seria muito, pelo seu saber e pelo seu prestígio pessoal. O Algarve, e em especial Tavira, têm uma enorme dívida de gratidão para com a memória deste incluído tavirense; quando lha pagarem?

P. N.

Leia e assinie
«Povo Algarvio»

Notícias Pessoais

D. MARIA EMÍLIA SILVA FREIRE

A sr.ª Dr.ª D. Maria Emília Silva Souza Freire, formada em Ciências Económicas e filha do nosso estimado e velho assinante sr. Carlos Gregório de Souza Freire, de Lagoa, foi convidada pela Universidade de Berkeley, na Califórnia (Estados Unidos da América do Norte) para trabalhar num programa especial de investigação científica, que a mesma Universidade vai realizar. A nossa ilustre compatriota, que já seguiu para a América do Norte, desejamos o maior êxito nos seus trabalhos científicos; e felicitamo-la muito sinceramente, bem como a seu pai, pela distinção que lhe foi concedida e, honrando-a, honra por igual a nossa Província.

ANIVERSÁRIOS

Fizeram anos no passado mês de Janeiro: No dia 18 — As sr.ªs D. Maria José da Palma Gonçalves, D. Maria Francisca Negro Cabrita Gomes, D. Rita da Conceição Mendonça, D. Maria Luíza do Livramento Abaco, D. Maria Justina Nascimento Corvo, D. Clarisse Júlia dos Santos e D. Maria

Do Alto de Santa Maria

(Continuação da 4.ª página)

lixo encostados às portas; papéis, cascas de ovos e de fruta, junto dos passeios; latas cheias de restos de comida à hora em que não há hipótese alguma de passar o carro da recolha do lixo.

Então, Povo? As ruas estão arranjadas, mas a porcaria continua a viver-se. A culpa já não é do empreiteiro.

És tu, o tal Povo que vivesse acorrentado durante quarenta e oito anos!... Agora, que és livre, deixaste de ser asseado? Ou já não o eras?

MORAIS CARNEIRO

O ALGARVE de Semana a Semana

(Continuação da 4.ª página)

● CONCERTO DE ÓRGÃO E CANTO

Conforme estava anunciado, efectuou-se na noite do passado dia 24 de Janeiro e na Sé de Faro, um concerto de órgão e canto, que teve larga assistência e alcançou assinalável êxito artístico. A organização foi patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian e teve a colaboração do Conservatório

Regional do Algarve e da Comissão Regional de Turismo. O programa foi preenchido pela apresentação do organista Joaquim Hora, do cantor José de Oliveira Lopes e do Còro do Conservatório, sob a regência do Padre José Pedro.

● TORNEIOS INTERNACIONAIS DE GOLFE

Iniciaram-se no passado dia 25 de Janeiro e prolongam-se até 7 de Fevereiro corrente, os torneios «Algarve Agency Golf Pro-am Séries», promovidos pela Algarve Agency em colaboração com a Comissão Regional de Turismo. Estes torneios internacionais compreendem o «Torneio de Vilamoura» e o «Torneio de Vale de Lobos», o primeiro que tem o patrocínio da «Norwest Holst de Portugal» e o segundo o dos Transportes Aéreos Portugueses, e o número de inscrições, que constitui autêntico recorde, é respectivamente de 30 e 37 «teams». Estão presentes 60 jogadores profissionais, alguns deles considerados como dos melhores da Europa e para fazerem a cobertura noticiosa do acontecimento, deslocaram-se à nossa Província numerosos jornalistas estrangeiros, entre eles representantes dos maiores jornais europeus e norte-americanos.

● CARNAVAL ALGARVIO

Espera-se, apesar de algumas dúvidas ultimamente surgidas e de que outros colegas se fizeram eco, que a tradição do Carnaval Algarvio se não quebre este ano e os próximos dias 9, 10 e 11 do corrente mês possam, mais uma vez, ser assinalados pelas realizações carnavalescas de Vila Real de Santo António, Loulé e Moncarapacho, que em anos anteriores tão grande número de forasteiros têm atraído à nossa Província.

HOTEL DAS CARAVELAS

SOCIEDADE TURÍSTICA DO SUL

Rua Diogo Cão — MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

ÓPTIMAS COMODIDADES
PITORESCO HORIZONTE VISUAL

Telefones 458 a 460 e 558 a 560

— VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO —

«A Voz do Gafanhoto»

★ Conta-nos uma lenda dessa milenária e saudosa China de A. C. (isto é, «antes de Confúcio», nada de confusões...) que um dia apareceu um gafanhoto no jardim de um «Tai-Pán» (patrão rico, geralmente estrangeiro) e descansadamente começou a devorar a erva fresca e fofinha do relvado, que mais parecia um tapete de veludo... O chefe dos criados, o que nós, em tempos idos, chamaríamos «mordomo», o chefe dos criados (bem, nesse tempo e até Outubro de 1950,

Por Don Carlos

minto, 1949, mais Outubro menos Outubro, aliás, mais ou menos, ainda havia muitos criados e servos naquele Império Central Celeste. Agora, claro, não há. Isto é, ainda há quem os tenha, criados, servos não. Mas só os grandes chefes, assim como os assistentes destes; e os industriais mais azafamados, assim como os negociantes mais responsáveis — enfim, gente que realmente precisa de empregados domésticos. Mas não se chamam «criados», não. E acho muito bem. O patrão para o empregado: «Camarada Ting Ping Ching! Por favor, mais um copinho de vinho, sim?»; como ia dizendo, o chefe dos criados mandou chamar o jardineiro, um velhinho todo corcovado, e disse-lhe ásperamente: «O velho desgraçado! Está por aí um gafanhoto atrevido a dar cabo do jardim do «Tai-Pán... Vê lá se o procura, ao gafanhoto, não ao patrão, e arraza-o já!»
O jardineiro fez a vénia tradicional

ÉCOS DE SANTA LUZIA

«Mas onde é que está essa «democracia» tão apregoada por todos os lados? Onde está essa «liberdade», graças à qual um trabalhador poderia falar ao patrão e pedir-lhe melhores condições, sem por isso ser despedido?» Falou-nos assim uma mulher, esposa de um pescador, que alega ter sido vítima de injustiça patronal.
Segundo dados fornecidos por habitantes desta povoação essencialmente piscatória, juntaram-se alguns pescadores recentemente na sala do Clube Recreativo, numa reunião particular, para discutir os aumentos que iriam pedir às entidades patronais, visto os ganhos não serem suficientes perante o aumento do custo de vida. Alegam os vitimados, isto é, os que acabaram por ser despedidos, que «nem sequer chegaram a falar ao patrão... Logo que teve conhecimento da reunião, ele tẽ-lo-ia chamado para os despedir.
Lamentam os pescadores que trabalham para patrões: «Nós não temos a quem nos queixar... nem sindicato temos!» Não haverá aqui um simples mal-entendido, de simples solução? Hoje despedem-se dois, amanhã três, e o desemprego cresce. Os patrões e os trabalhadores deviam reunir-se, com calma, sem gritaria nem políticas, resolver os problemas da melhor maneira possível para todos.
Final, já não há «Casas de Pescadores» também? Não poderão patrões e empregados ir lá para melhor solucionar problemas? Pelo menos, parece-nos, era assim antigamente. Nós pessoalmente assistimos a inúmeros casos, que foram civilizadamente resolvidos, com satisfação para todos. Sem barulho, sem política, sem sindicatos.

D. C./R. de S. R.

Assine e leia o «Povo Algarvio»
Ajude-nos assim a fazer dele um bom jornal tavnrense e algarvio

ao chefe e afastou-se na direcção do jardim. De joelhos e com uma lupa na mão, procurou o gafanhoto. Este, tendo chegado ao jardim cheio de fome e tendo entretanto enchido o estômago, estava na altura lavando a cara e ficou assim um pouco envergonhado quando viu, à sua frente, o velho jardineiro.
Olharam um para o outro.
«Sai daqui! Vai-te já embora! Rual», berrou o jardineiro.
O gafanhoto: «Oh! My God! Não fiz mal nenhum! Estava com tanta fome, e esta erva é tão saborosa!»
O jardineiro: «Já te disse! Põe-te a andar! Porque se não, tenho de te matar!»
O gafanhoto: «Está bem, está bem... Deixa-me só descansar um bocadinho, só uma soncazinha à portuguesa, vale?»
O jardineiro tinha uma alma simples e pura, tanto assim que compreendia a linguagem das flores, dos pássaros, dos insectos.
«Bem, retiro-me agora, mas volto já. E quando voltar, não te quero cá!»
«Ah! Até és poetal!» diz o gafanhoto, bocejando. E põe-se a dormir, bem aconchegadinho no relvado fofo. Tão

(Continua na 3.ª página)

A propósito de...

★ UMA HOMENAGEM A TOMAZ CABREIRA

A propósito do interessante artigo de G. de M. sobre «Um tavnrense Ministro de Estado», inserto no último número deste jornal decerto para assinalar o 110.º aniversário do nascimento de Tomaz Cabreira, que passara dois dias antes (a 23 de Janeiro), parece-nos oportuno lembrar que, no domingo 21 de Janeiro de 1934, os alunos da extinta «Escola Industrial e Comercial de Tomaz Cabreira», de Faro, vieram propositadamente a Tavira para homenagear a memória do seu inclito patrono. A iniciativa da homenagem partiu da Associação Académica daquela Escola, que fez deslocar a esta cidade, em camionetas, não só a quase totalidade dos alunos, mas todos os professores, mestres e empregados do mesmo estabelecimento de ensino, de que era então director, salvo erro, o saudoso professor e grande pintor Carlos Lyster Franco, que aqui esteve também nessa altura e, até, no fim da cerimónia, soltou um vibrante «Viva a República», correspondido... pelo mais absoluto silêncio da numerosíssima assistência. O Governador Civil do Algarve, que era então o Capitão João de Souza Soares, também se associou à homenagem, comparecendo nela acompanhado pelo Presidente da Câmara Municipal de Tavira dessa época, Matos Parreira; ambos, e todas as «forças vivas» da cidade e as crianças das escolas primárias, aguardaram os visitantes, tributando-lhes entusiástica recepção. A sessão de homenagem a Tomaz Cabreira, durante a qual falaram vários oradores, efectuou-se ao ar livre, no adro da Igreja da Misericórdia, após a inauguração da lápida que ainda hoje se pode ver na casa onde nasceu o ilustre tavnrense; e depois da sessão, todos os

Responda

quem souber...

— Porque é que uma carta, deitada no Correio em Tavira, durante o dia de domingo, só é distribuída em Faro na terça-feira de manhã e, às vezes, só de tarde?
— Porque é que aquele terreno, ali em frente do Palácio da Justiça de Tavira, e que se disse ser destinado a um hotel, ainda continua inaproveitado?
— Porque é que...?

Se alguém nos responder às perguntas que aí ficam, já nos daremos por satisfeitos... por hoje!

Do Alto de SANTA MARIA

Por MORAIS CARNEIRO

Do miradouro do adro de Santa Maria, a zona oriental de Tavira surge-nos em toda a sua grandeza e magnitude, sobressaindo (mais que na parte ocidental) os telhados ponteados, acastanhados de cor e de velhice.
Mas, deste miradouro, embora a visão do do seu casario branco com laivos de mourisco seja impressionante, sob o ponto de vista paisagístico vemos, com tristeza e até com arreia, o péssimo estado em que se encontram as suas principais artérias.

No entanto, a firma construtora, que se propôs levar a cabo a obra de beneficiação da rede de esgotos e águas, obra assaz difícil e morosa, já concluiu algumas artérias. Parte delas encontram-se já devidamente pavimentadas.

Mas, eis que, mais uma vez, o Povo, o tal bom Povo Português, o Povo agora livre, aquele Povo que entoa a «Grândola, vila morena» com exaltação e galhardia, se desdiz a si mesmo.

Primeiro, quando os trabalhadores escavavam as ruas, lhes resgavam as entranhas para nelas enterarem as grossas e diametrais manilhas, debaixo de sol tórrido, deixando-se cestar nos seus corpos nus da cintura para cima, ou sob a chuva, ora miudinha, ora intensa, encharcando-lhes os fatos de oleado, o Povo clamava, bramava, barafustava, batia o pé e pedia praga para tais obras, que vieram não só encravar o movimento cidadão, mas muito principalmente — e aqui é que o Povo chorava — sujar.

E agora, que parte das artérias estão totalmente prontas, a quem compete cuidar do asseio das mesmas? Ao empreiteiro?

É triste passar numa rua e ver montes de

(Continua na 3.ª página)

presentes, que eram muitas centenas, dirigiram-se em cortejo ao Cemitério do Calvário, para depôr flores no túmulo do homenageado.

★ O TÚMULO DA FAMÍLIA CABREIRA

Ainda a propósito do mesmo artigo e também de uma nota incluída na rubrica «Pequenas coisas, grandes coisas... de Tavira», do penúltimo número do «Povo Algarvio», parece-nos oportuno esclarecer que, no artístico túmulo-monumento existente no Cemitério do Calvário, não se encontram apenas os restos mortais do Dr. António Cabreira, mas também os de seu irmão Tomaz Cabreira e ainda os de seus Pais. Por isso, o abandono em que o mesmo túmulo se encontra presentemente e contra o qual a referida nota muito justamente protestava, ain-

(Continua na 3.ª página)

O ALGARVE de Semana a Semana

● FEIRA DE ALBUFEIRA

No próximo dia 4 do corrente mês de Fevereiro, realiza-se em Albufeira a tradicional Feira de S. Sebastião, mais conhecida por «Feira de Fevereiro» e «Feira do Pau Roxo» e que é especialmente dedicada ao artesanato regional. Trata-se não só de um acontecimento de natureza comercial, como o é a maioria das feiras, mas de uma autêntica «festa popular» albufeirense que, por coincidir com o período da floração das amendoeiras, leva sempre à linda praia algarvia não só a população dos seus arredores, mas muitos forasteiros.

● NOVO EDIFÍCIO ESCOLAR EM PORTIMÃO

Segundo informação oficialmente prestada pela Direcção-Geral das Construções Escolares à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Portimão, nesta cidade começará em breve a construção do edifício próprio para a Escola Preparatória do Ensino Secundário. A obra foi recentemente adjudicada a uma firma construtora pela importância de 31.752.613\$70 escudos. Trata-se de um melhoramento cuja importância é desnecessário realçar; e por ele está de parabéns a linda e próspera cidade barlaventina.

● SKAL CLUBE DO ALGARVE

O Skal Clube do Algarve elegeu, em

Pequenos Apontamentos de Trindade e Lima

● VINOSOS

Se nos é permitida a deselegância, diremos que a nossa última ronda foi um desfiar de bebedeiras. Expliquemos, para evitar confusões, não vão supor que é de baixo deste louro que se vende o vinho. Tinhamos pressa que uma carta seguisse e fomos levá-la à estação das Picoas.

Já na volta, surgiu-nos pela frente um homem apressado, que nos fez estacar e nos perguntou, sem mais preâmbulos: «O senhor é um rapaz novo ou já usado?» Logo percebemos que o alcool andava por ali a fazer das suas diabruras. Contou-nos de seguida o homem que o pai havia morrido com 98 anos e que, presentindo a chegada da morte, pediu a um neto que lhe desse uma cabacinha e, apinhando-a à mão, a emborcou e se finou com o estômago aconchegado. É de prever que o nosso interlocutor queira seguir os passos do seu venerado pai, mas mais robusto, em vez de uma cabacinha emborque uma bojuda cabaça. Seguimos caminho logo que nos pudemos desvincular e, passos adiante, damos com um grupo de pessoas ouvindo os dislates de um vendedor ambulante de fruta, que a certa altura, sentindo a garganta seca por efeitos da oração, se dirigiu à taberna próxima, a refrescá-la. Quando nos afastámos, demos de cara com um antigo aluno e conterrâneo, que nos mandou adiante o seu cartão de visita no hábito fétido de uma digestão mal temperada mas bem regada. Trocámos algumas palavras e perguntámos-lhe notícias do torrão natal, de onde havia pouco voltara.

Não nos demorámos porque o cheiro nauseabundo nos incomodava. Subíamos a rampa que nos conduzia a casa e parámos para descansar, quando ouvimos uma voz dizer-nos: «Está a tomar fôlego?» Era uma voz conhecida, esta também permanentemente untada pelos lícores da videira, mas lealmente confessamos que desta vez bastante diluídos. Caminhámos juntos até à porta da nossa casa e no per-

curso perguntámos-lhe, por ironia em relação ao tempo que tem feito, se não tinha aproveitado para ir à praia. Confessou-nos então que havia uns 25 anos que não ia a uma praia. Aproveitámos para dizer que um macróbio de 114 anos atribuíra a sua longevidade ao facto de nunca ter tomado banho. Evidentemente que não é só na praia que se toma contacto com a água...
Que nas rondas seguintes, Deus nos depare companhias menos líricas.

● APOSENTADOS

De todas as classes do funcionalismo público, tendo atenção o seu relevo social, a mais mal remunerada foi sempre a do professor primário. Não foi de há pouco que se criou a tradicional lome do mestre-escola. Em tempos recuados, quer na literatura quer no teatro, a figurado mestre-escola apresentava-se mísera e ridícula.

Lá vinha coxo, gago, vesgo, mal enfiado, chorando as suas misérias. Ainda há pouco relemos um livro de Camilo em que o pobre é apresentado, talvez um pouco com pretensões adutoradas, mas com a mesquinha esportula de seis vintens diários. Na primeira Câmara republicana de um Concelho foi apresentada a proposta de se pagar às professoras 12 vintens, visto que as mondadeiras lá na sua aldeia percebiam a tostão. Era alfaiate o proponente e queria trabalhar por novos moldes a nascente democracia.

(Continua na 3.ª página)

(...) ao lado de um Movimento Geral de Reconciliação, aberto a todos, deveria haver uma Liga de Reconciliação entre os portugueses, formada por aqueles cuja credibilidade não pudesse ser contestada. O fim desta Liga seria especialmente evitar a escalada das tensões de ressentimento, recriminação e retaliação; e, positivamente, romper a cadeia da negatividade, o círculo infernal da violência, antes que chegue a ruptura de catástrofe, que ninguém sabe onde poderá terminar. Para isso é indispensável que a Justiça assente na Verdade; mas não basta a justiça seca e mecânica. Os cristãos diremos, com o Evangelho, que é preciso que a nossa justiça abunde mais que a dos escribas e fariseus, isto é, importa que seja informada pelo Amor, a começar pelo próprio amor da justiça, para atingir a amizade cívica e a paz civil.

D. António, Bispo do Porto

O preço da amendoa

A Junta Nacional das Frutas, no prosseguimento da sua acção de protecção à lavoura, resolveu assegurar aos produtores de amendoa um preço mínimo de garantia. Assim, aquela Junta adquirirá a amendoa em casca e em miolo aos preços, por quilograma e respectivamente, de 12\$50 e 60\$00. O levantamento dos produtos far-se-á na casa do produtor, caso não se verifiquem dificuldades de acesso; se estas surgirem, os produtos serão levantados em local a acordar entre a Junta e os interessados. Para conhecimento de quaisquer outros pormenores sobre o assunto, os interessados devem contactar com a Delegação da mesma Junta em Faro.

IMPRESA

«ECOS DE BELÉM»

Completo há dias 42 anos de existência, entrando assim no 43.º de publicação, o nosso estimado colega «Ecos de Belém», competentemente dirigido pelo sr. Custódio Baptista Vieira. Felicitamos muito sinceramente, quantos nele trabalham, em especial o seu dedicado director, e desejamos-lhe longa vida e os maiores e bem merecidos êxitos.